

O uso da Língua de Sinais pela Família dos Surdos e Deficientes Auditivos: uma problematização necessária

The use of the Sign Language by the Family of Deaf and Hearing Disabilities: a problematization necessary

El uso de la Lengua de Signos por parte de la Familia de Personas Sordas y Deficiencias Auditivas: una problematización necesaria

Recebido: 08/05/2023 | Revisado: 22/05/2023 | Aceitado: 24/05/2023 | Publicado: 29/05/2023

Elisabete Strelow de Castro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9838-5719>
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: betty.strelow@hotmail.com

Adriana Duarte Leon

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0791-7359>
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil
E-mail: adriana.adrileon@gmail.com

Resumo

Este estudo tem por objetivo identificar o conhecimento da língua de sinais pelos pais de estudantes surdos e deficientes auditivos da Escola Especial Professor Alfredo Dub e a influência deste no desenvolvimento de seus filhos. Para tanto, além de pesquisa bibliográfica, foi aplicado um questionário como instrumento de coleta de dados, o qual foi respondido por um grupo de familiares de crianças surdas em processo de alfabetização, visando identificar que concepções eles expressam acerca da língua de seus filhos e buscando averiguar a interferência do aprendizado desta língua por eles no desenvolvimento cognitivo destas crianças. O presente artigo está dividido em cinco tópicos com destaque para apresentação da escola onde foi realizado o estudo, a defesa da proposta teórica metodológica que está ancorada na pesquisa qualitativa, considerando a abordagem bibliográfica e a investigação exploratória, uma breve análise da Língua Brasileira de Sinais como língua materna dos surdos de nascença, a família dos surdos como suporte significativo para o aprendizado do estudante e por fim, a compreensão dos pais sobre os desafios na educação de uma criança surda.

Palavras-chave: Estudantes; Pais; Libras.

Abstract

This study aims to identify the knowledge of sign language by the parents of deaf and hearing impaired students of the Special School Professor Alfredo Dub and the influence of this in the development of their children. Therefore, in addition to bibliographic research, a questionnaire was applied as a data collection instrument, which was answered by a group of relatives of deaf children in a literacy process, in order to identify which conceptions they express about the language of their children and seeking to ascertain the interference of language learning by them in the cognitive development of these children. This article is divided into five topics, highlighting the presentation of the school where the study was carried out, the defense of the methodological theoretical proposal that is anchored in qualitative research, considering the bibliographical approach and the exploratory investigation, a brief analysis of the Brazilian Sign Language as mother tongue of the deaf from birth, the family of the deaf as a significant support for the student's learning and, finally, the parents' understanding of the challenges in educating a deaf child.

Keywords: Students; Parents; Pounds.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo identificar el conocimiento de la lengua de señas por parte de los padres de alumnos sordos y con discapacidad auditiva de la Escola Especial Profesor Alfredo Dub y su influencia en el desarrollo de sus hijos. Para ello, además de la investigación bibliográfica, se aplicó como instrumento de recolección de datos un cuestionario, que fue respondido por un grupo de familiares de niños sordos en proceso de alfabetización, con el objetivo de identificar qué concepciones expresan sobre el lenguaje de sus hijos y buscando investigar la interferencia del aprendizaje de esta lengua por parte de ellos en el desarrollo cognitivo de estos niños. Este artículo se divide en cinco temas, destacándose la presentación de la escuela donde se realizó el estudio, la defensa de la propuesta teórica metodológica que se ancla en la investigación cualitativa, considerando el abordaje bibliográfico y la investigación

exploratoria, un breve análisis del brasileño La Lengua de Signos como lengua materna de los sordos de nacimiento, la familia del sordo como apoyo significativo para el aprendizaje del alumno y, por último, la comprensión de los padres de los desafíos en la educación de un niño sordo.

Palabras clave: Estudiantes; Padres; Libras.

1. Introdução

Este estudo tem por objetivo identificar o conhecimento da língua de sinais pelos pais de estudantes surdos e deficientes auditivos da Escola Especial Professor Alfredo Dub (Pelotas/RS) e a influência deste no desenvolvimento de seus filhos. A importância desta pesquisa evidencia-se por se tratar de pais e filhos que não possuem a mesma língua; visa contribuir com a aproximação destes pares, para que o processo de educação formal se dê de uma maneira mais participativa e interacional, uma vez que a escola utiliza a língua de sinais como forma de comunicação e apreensão de conteúdos, além da língua escrita.

Após apresentar a proposta teórica metodológica, estabeleço uma breve contextualização acerca da escola onde foi desenvolvida a pesquisa, apresento uma retrospectiva histórica sobre as diferentes metodologias utilizadas na educação de surdos que transitam pelo uso da língua de sinais, pela proibição deste uso, até chegar ao bilinguismo com ênfase na aquisição da língua portuguesa e pelo uso da língua de sinais por crianças surdas e deficientes auditivas.

Em seguida, busco apresentar a relação fecunda e necessária entre escola e família para o desenvolvimento dos surdos, para, enfim, apresentar os dados que foram obtidos por meio de uma pesquisa realizada com os pais de estudantes da Escola Especial Professor Alfredo Dub. A escola possui um universo de 75 pessoas matriculadas, entre surdas e com deficiência auditiva. Estas estão distribuídas em quinze turmas nas quais os estudantes são agrupados por faixa etária e nível de conhecimento¹.

O universo investigativo constitui-se em uma turma de quarto ano e duas turmas de quinto ano da escola em questão; a opção por estas turmas justifica-se pelos discentes estarem em processo de alfabetização, momento no qual necessitam da ajuda dos pais nas tarefas escolares. Desse modo, a exigência da presença e do envolvimento dos pais nessa fase é maior do que nas fases seguintes da vida escolar.

2. Opção Teórica Metodológica

A metodologia utilizada caracteriza-se como uma abordagem qualitativa, em um primeiro momento da investigação foi realizada um levantamento bibliográfico em obras já publicadas, tais como: livros, revistas, teses e dissertações no intuito de aproximar o pesquisador do tema em questão. A seguir buscaram-se estratégias para acessar os responsáveis por um grupo de crianças da escola Alfredo Dub e capturar as suas impressões sobre o uso da Língua Brasileira de Sinais.

[...] a expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social. (Neves 1996, p.1).

Nesta dinâmica a presente pesquisa se constitui como exploratória, pois busca compreender um determinado contexto, considerando a realidade e a bibliografia produzida sobre o tema, no intuito de consolidar uma contribuição para pensar a educação do surdo no Brasil.

¹ A pesquisa foi realizada no ano de 2017 e os dados referentes a quantidade de alunos e quantidade de turmas correspondem a tal período, a escola autorizou a utilização dos dados para a referida pesquisa.

Considerando tal objetivo foi elaborado um questionário como instrumento de coleta de dados, na expectativa de identificar o aprendizado da língua de sinais pelos pais de alunos da Escola Especial Professor Alfredo Dub e as concepções que eles têm em relação à língua de seus filhos. Também se buscou por meio do questionário problematizar a visão que tiveram logo após o diagnóstico da surdez de seus filhos, fazendo uma analogia de como está esta visão hoje. Por conseguinte, buscou-se averiguar a interferência do aprendizado desta língua por eles no desenvolvimento cognitivo destas crianças. Buscou-se reconhecer quais sentidos e sentimentos os pais e/ou responsáveis tem mobilizado em relação à comunicação entre eles, quais foram seus anseios logo após o diagnóstico. Ou seja: sem fazer juízo de valor, tentar uma aproximação com as suas experiências, enquanto pais de surdos e de deficientes auditivos.

De acordo com Nogueira:

[...] cerca de 95% das crianças deficientes auditivas nascem em famílias de ouvintes sem terem a linguagem comum ao meio cultural no qual vivem e com dificuldade de estabelecerem contatos interpessoais e de relação social, crescem com concepção de um mundo diferenciado da maioria ouvinte. (Nogueira, 1998, p.9)

Considerando os estudos realizados pelo pesquisador citado acima – que aponta que a expressiva maioria dos pais de surdos é ouvinte – e apreciando o espaço pesquisado, no qual todas as crianças surdas são filhas de pais ouvintes, e em que a língua de sinais não é de conhecimento da família, constato que não é possibilitado às crianças, portanto, o acesso à língua de sinais desde a tenra idade. Como consequência, pode ocorrer o comprometimento do desenvolvimento linguístico e cognitivo.

A partir de observações, enquanto profissional da área, percebo que os pais nem sempre participam da vida escolar de seus filhos; contudo, com a pesquisa, busco verificar o que pensam os pais de alunos desta comunidade acerca do aprendizado e a fluência deles na língua de sinais. Em um segundo momento, busca-se identificar se há ou não a interferência do aprendizado da língua de sinais por estes pais no desenvolvimento intelectual de seus filhos.

No intuito de problematizar o uso de Libras pelos pais, busco uma conexão com os sujeitos que foram convidados a participar da pesquisa. Do universo de quinze alunos, foram convidados todos os pais e/ou responsáveis para contribuírem com a investigação. Tais sujeitos foram abordados por meio de aviso impresso e entregue pessoalmente e via chat pelo Messenger. Compareceram nove, dos quais manifestaram um bom retorno, e preencheram o questionário que serve de base para análise desta pesquisa.

Os sujeitos responderam individualmente o questionário elaborado. Destes, uma era irmã e as outras oito eram mães de alunos surdos. A faixa etária dos alunos encontra-se entre nove e treze anos. Os dados foram colhidos por meio de uma produção escrita na qual manifestaram suas realidades e pontos de vista sobre o tema.

3. A Escola e seus Desafios

A Escola Especial Professor Alfredo Dub foi fundada em 27 de setembro de 1949 pela professora Maria de Lourdes Furtado de Magalhães em caráter filantrópico, e assim se mantém, após sessenta e oito anos. A escola está situada na Rua Zola Amaro, bairro Três Vendas, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Possui uma biblioteca; refeitório amplo; dois pátios internos, sendo que um destes é coberto; várias salas de aulas, as quais têm uma área de 9m², para atender às especificidades dos alunos. As turmas são pequenas, com o máximo de quatorze estudantes. Além disso, possui uma quadra poliesportiva não coberta; um auditório; banheiros distribuídos pelos corredores, sendo que um deles é adaptado para cadeirantes; possui rampas de acesso e um jardim na entrada, cercado por medida de segurança.

Inicialmente, a escola atendia alunos deficientes, independentemente da deficiência e faixa etária. Na época de sua fundação, estava fortemente ligada à questão clínica, de modo que os alunos eram considerados pacientes. Até o ano de 1960, a

fundadora Maria de Lourdes Furtado de Magalhães trabalhava inteiramente só, quando então, a Secretaria Municipal de Educação cedeu a primeira professora: Clélia Guedes, e o caráter educativo foi firmado.

Em 1971 foi criada a Associação Civil Professor Alfredo Dub, no intuito de ser a mantenedora e a responsável pelo provimento de verbas para a sustentação da escola. Em 1977, com o falecimento de Maria de Lourdes Furtado de Magalhães, a professora Raquel Sokolovsky assumiu oficialmente a direção.

Por quarenta anos a escola atendeu crianças com deficiência intelectual, de fala e auditiva, porém, no início da década de 1990, a Secretaria Municipal de Educação, considerando as indicações nacionais para o atendimento a deficientes, solicitou à escola que optasse pelo atendimento a uma única deficiência. Os alunos que hoje frequentam a escola são caracterizados pela surdez em vários níveis: alguns são surdos profundos, outros deficientes auditivos e alguns alunos com outras deficiências associadas à surdez, como paralisia cerebral, baixa visão, autismo e, também, deficientes físicos.

A escola desde a sua fundação recebeu este nome como homenagem ao foniatra e professor Alfredo Dub – incentivador de Maria de Lourdes Furtado Magalhães na criação da escola. Nestes sessenta e oito anos, a escola já utilizou diversas metodologias, tais como: o oralismo², a comunicação total³ e, atualmente, o bilinguismo⁴. O quadro funcional da escola é composto por professores surdos e ouvintes, funcionários, fonoaudióloga, psicólogas, assistentes sociais e psicopedagogas, além de um vasto quadro de voluntários das mais diversas áreas de formação. Desde 2014, a escola também abriga a sede da Associação de Surdos de Pelotas (ASP).

A escola exerce um papel importante na educação de estudantes surdos e deficientes auditivos na cidade de Pelotas. Oferece Estimulação Precoce, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de projetos, como xadrez, informática educativa, teatro, hora do conto, esportes e lazer.

Por meio das turmas de Estimulação Precoce, o atendimento é disponibilizado às crianças ainda bebês, que permanecem neste ciclo até os quatro anos de idade. Infelizmente, poucas crianças são atendidas neste ciclo, pois os pais geralmente percebem a surdez tardiamente, fazendo com que o ingresso na escola se protele. O ideal seria que essas crianças estivessem integradas desde a tenra idade neste contexto.

A partir dos quatro anos, as crianças são inseridas na pré-escola, configurando-se assim a Educação Infantil. Aos seis anos de idade, os estudantes ingressam no primeiro ano do Ensino Fundamental. Geralmente, ao término do quarto ano os estudantes estão alfabetizados, dentro do contexto da experiência individual de cada aluno surdo, e a idade média varia entre nove e treze anos de idade, dependendo do ingresso na escola. Este ciclo encerra-se no nono ano.

Além disto, a escola possui Educação de Jovens e Adultos, ciclo que abarca os alunos – jovens e adultos – evadidos, ou que por algum outro motivo não tiveram a escolarização em idade apropriada. Na EJA as turmas são de alfabetização até o quarto ano.

A história da educação de surdos nos apresenta alguns fatos importantes que interferem diretamente nas metodologias utilizadas na alfabetização destas pessoas, os quais, em um curto espaço de tempo, alteraram drasticamente tais metodologias.

Na Escola Especial Professor Alfredo Dub esses fatos também influenciaram o modo de educar os seus estudantes, haja vista que a escola utilizava o método oralista, o qual foi substituído pela comunicação total. A língua de sinais fora inserida timidamente neste espaço escolar, ganhando força e expandindo-se, chegando finalmente ao bilinguismo. No caso específico desta escola, as mudanças ocorreram no espaço de tempo que se compreende a partir dos primeiros anos da década de 1990, e ainda se encontra em fase de adaptação.

² Metodologia utilizada na educação de surdos a partir do congresso de Milão, em 1880.

³ Metodologia utilizada após os estudos linguísticos de William Stokoe (1960).

⁴ Utilização das línguas de sinais e da língua escrita para o ensino dos educandos.

4. Metodologias Utilizadas Pela Instituição nas Últimas Décadas

Sobre as metodologias utilizadas neste espaço escolar, alguns fatos históricos significativos merecem destaque, assim como, alguns estudos sobre surdez, línguas de sinais e outros conceitos importantes dentro desta temática.

4.1 Método oralista na educação de surdos

O método oralista foi utilizado desde a fundação da escola até meados do ano de 1990. Goldfeld (2002) descreve de uma forma resumida e clara este método quando diz que:

O oralismo percebe a surdez como uma deficiência e que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do oralismo é fazer uma reabilitação na criança surda em direção à normalidade. (Goldfeld, 2002, p.34).

A metodologia oralista, no entanto, não atingiu seu objetivo, pois nem todos os surdos conseguiam falar de uma forma clara como o esperado.

4.2 Comunicação total: uma metodologia utilizada na educação de surdos

Diante das lacunas apresentadas pelo método oralista e na expectativa de implementar uma estratégia mais abrangente, que apresentasse eficiência no intento de garantir a educação dos surdos, surgiu a comunicação total, que utilizava a fala combinada com os sinais.

Corroborando esta perspectiva, Capovilla, em seu dicionário trilingue, afirma que:

[...] Como o objetivo maior da filosofia educacional oralista era permitir o desenvolvimento da linguagem e como ela nunca chegou a realizar satisfatoriamente esse objetivo, passou a tornar-se cada vez mais atraente a ideia de que aquele mesmo objetivo de permitir aos surdos a aquisição e o desenvolvimento normais da linguagem poderia vir a ser alcançada por uma outra filosofia educacional que enfatizasse não a linguagem oral, mas todo e qualquer meio possível, incluindo os próprios sinais. (Capovilla, 2001, p.1482-1483).

Nesse sentido, a Escola Alfredo Dub optou por utilizar a comunicação total como estratégia de ensino, por entender que esta metodologia contemplaria o desenvolvimento normal da linguagem. Este método utiliza-se de toda e qualquer forma de comunicação: fala concomitante ao uso de alguns sinais, expressões faciais exageradas, uso de leitura labial, entre outros recursos. Tudo era válido para que os surdos fossem compreendidos e para que a comunicação entre surdos e ouvintes fosse estabelecida.

4.3 A Língua de Sinais como metodologia

O movimento de implementação da língua de sinais como estratégia comunicativa na Escola Alfredo Dub aconteceu quando alguns pais, preocupados com o desenvolvimento dos seus filhos, visitaram outras escolas de surdos no Estado, perceberam que outra metodologia era utilizada e trouxeram “novidades” para Pelotas. De acordo com relatos de alguns pais, a partir destas experiências foram organizados seminários, palestras, grupos de estudos e por fim, a metodologia utilizada na escola passou por uma transição.

Assim, a língua de sinais começou a ser a metodologia utilizada na escola, pois nesta mesma época a escola conheceu os estudos realizados por William Stokoe sobre este tema. Sobre estes estudos, Quadros e Karnopp (2007, p. 48) comentam

que “Stokoe realizou em 1960 uma primeira descrição estrutural da ASL⁵, demonstrando que os sinais poderiam ser vistos como composicionais e não holísticos”. Estes estudos serviram como base para estudos posteriores mais aprofundados sobre as línguas de sinais.

4.4 Bilinguismo: metodologia que respeita a cultura surda

Atualmente, a escola Especial Professor Alfredo Dub, procurando cumprir o que está exposto na Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002⁶ e aliando a sua filosofia de ensino, identifica-se com o bilinguismo: adota a Libras como primeira língua dos surdos e a Língua Portuguesa como segunda língua. Somando-se à obrigatoriedade, por parte da Secretaria Municipal de Educação, de acolher somente uma deficiência.

Baldo e Iacono (2012) conceituam o bilinguismo afirmando que é

[...] uma proposta de ensino que recomenda o uso de duas línguas no contexto escolar. Considera a língua de sinais como língua natural dos surdos e parte-se dela para ensinar a 2ª língua; no nosso caso brasileiro, o português escrito. A criança surda tem o direito de adquirir a língua de sinais naturalmente em contato com outras pessoas, também usuárias dos mesmos sinais. Ela também deve ser ensinada na língua de sinais para, posteriormente, adquirir a 2ª língua escrita. (Baldo & Iacono, 2012, p.9)

Sobre o ensino destas línguas no contexto escolar, Quadros (2006) afirma que:

[...] o ensino da língua portuguesa, como segunda língua para surdos, baseia-se no fato de que esses são cidadãos brasileiros, têm o direito de utilizar e aprender esta língua oficial que é tão importante para o exercício da sua cidadania. O decreto 5626 de 2005 assinala que a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngue, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua. (Quadros, 2006, p.17).

Para que a criança surda tenha um bom desenvolvimento linguístico e cognitivo, o conhecimento da língua de sinais é muito importante, pois sem o conhecimento da primeira língua tudo fica obscuro e mais difícil de ser entendido e aprendido pelas crianças. De acordo com Capovilla:

A filosofia educacional do Bilinguismo defende a tese de que a criança seja mergulhada desde tenra idade na Língua de Sinais para que possa atingir suficiente desenvolvimento linguístico e cognitivo. É este desenvolvimento que lhe possibilitará, mais tarde, fazer uso da Língua de Sinais com metalinguagem para a aquisição das habilidades de leitura e escrita alfabética e, se assim o desejar, também da oralização. (Capovilla, 2001, p.1540).

A partir da perspectiva deste autor, as crianças devem ser mergulhadas desde a tenra idade na Língua de Sinais para que atinjam um bom desenvolvimento. Tal imersão pode possibilitar um melhor desempenho no aprendizado da leitura e escrita, se constituindo como um fator que faz a diferença no processo de apreensão do conhecimento como um todo.

5. Escola e Família: uma Parceria Possível

Localizo-me nesta temática, primeiramente, como mãe de dois filhos surdos, como professora de surdos desde 1995 e intérprete da Língua Brasileira de Sinais desde 2003. Atuo em diferentes contextos onde a presença do intérprete faz-se necessária para a intermediação e acessibilidade na comunicação entre surdos e ouvintes. Considerando a experiência pessoal

⁵ American Sign Language.

⁶ Art.1.º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

com a temática, reporto-me ao passado, buscando registros na memória e, além destes, alguns apontamentos que realizei ao educar minha filha surda. Na época de seu nascimento eu não tinha conhecimento sobre surdez nem língua de sinais, mas no intuito de promover seu desenvolvimento cognitivo precisei me reestruturar como mãe de uma criança diferente.

Corroboro como Dessen e Polonia (2007) quando destacam que:

[...] a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). (Dessen; Polonia, 2007, p.22).

Considerando a bibliografia que trata do tema, percebo que a participação da família na vida escolar do surdo é fundamental para estabelecer o desenvolvimento do sujeito. Ao entender que a forma de comunicação da minha filha se daria por uma língua diferente da minha, procurei conhecer e aprender sobre surdez e Língua de Sinais. Precisava realizar essa apropriação para propiciar um suporte adequado ao seu desenvolvimento cognitivo e pessoal.

Alguns estudos, como o de Claudio e Xavier Neta (2009), apontam à importância da família para o desenvolvimento dos surdos.

Para a família ouvinte, unir-se à criança surda plenamente é fundamental para que sua inclusão garanta uma comunicação completa e integral, promovendo as bases necessárias ao seu desenvolvimento sadio. Sabendo que a língua de sinais tem esse importante papel no desenvolvimento cognitivo e social e permitindo que a aquisição de conhecimento sobre o mundo circundante ocorra dentro dos aspectos culturais da comunidade surda; a família e a sociedade não só estarão permitindo à criança um desenvolvimento de sua identificação com mundo surdo (um dos dois mundos aos quais a criança pertence), mas também estarão dando livre acesso para que ela transite entre os dois universos: o do visual (que lhe é próprio) e o dos ouvintes (ao qual a família e a sociedade pertencem). Portanto a criança surda que utiliza a LIBRAS em um ambiente onde é acolhida com afeto, seja na escola ou com os pais ouvintes, assim como qualquer outra criança, com certeza, conseguirá desfrutar de sua infância de forma protetiva e efetiva. A criança surda que tem tais aspectos assegurados é capaz de construir seu mundo surdo infantil de forma sólida e posteriormente afirmar sua identidade pessoal como sujeito protagonista da sua história. (Claudio & Xavier Neta, 2009, p.12)

A comunicação entre as pessoas é que possibilita o desenvolvimento pleno do ser humano. No ambiente analisado todos os surdos são filhos de pais ouvintes e essa característica pode ser uma barreira na comunicação entre o surdo e família. Embora tenha sido possível observar no desenvolvimento da pesquisa falhas na comunicação entre pais e filhos, em outros casos foi possível perceber que existe uma comunicação muito peculiar entre a mãe e filho. De acordo com o relato de algumas mães, apesar de não saberem bem a língua de sinais, elas recorrem à fala, aos gestos para compreender seus filhos.

6. Achados da Pesquisa: a família em Questão

Os dados analisados revelam a influência positiva do aprendizado da língua de sinais pelos pais e/ou responsáveis por crianças surdas e deficientes auditivas no desenvolvimento destas. Como já dito, as turmas foram selecionadas, considerando o processo de alfabetização e neste processo é necessário o auxílio da família e/ou responsáveis para a realização de tarefas escolares.

O material coletado foi organizado primeiramente em tabelas, sendo transcritas todas as respostas para serem analisadas. Com base nas respostas, pode-se inferir que a língua de sinais, embora não seja utilizada por todas as pessoas que compõem a família, tem importância como meio de comunicação e também como suporte para a alfabetização na Língua Portuguesa.

Acerca do questionamento “Quem consegue se comunicar melhor com a criança surda?”, foi possível constatar que a pessoa com quem a criança melhor se comunica em sete dos casos é a mãe e em dois essa comunicação é estabelecida com a professora. Este vínculo se consolida porque na escola a língua que é utilizada por todos os professores e pelos colegas é a Língua de Sinais.

Na sequência, ao serem questionados acerca do uso da Libras, as respostas indicaram que a pessoa com quem a criança surda se comunica em sete dos casos, usa Libras; nos outros dois casos a língua de sinais não é utilizada. Os dados, obtidos por meio do questionário, possibilitaram a organização desta análise em três eixos, sendo eles: pais e aprendizado da primeira língua de seus filhos, mãe e papel da mulher na educação dos filhos e letramento e alfabetização no contexto na surdez.

6.1 Pais e Aprendizado: sobre a Primeira Língua de seus Filhos

Ao questionar “Qual a visão da família sobre surdez e a língua de sinais logo após o diagnóstico?”, destaca-se diferentes reações. No relato de algumas mães⁷ percebo sentimentos de choque, susto, frustração, dificuldades e pavor diante da situação inusitada, inclusive, alguns pais nos seus discursos apontaram para a não aceitação da surdez, o que é considerado normal visto que “Em uma família de ouvintes é natural que os pais esperem que seu filho também seja ouvinte, portanto, a chegada de uma criança surda, demanda diversos sentimentos e pensamentos em vista de ser uma nova situação” (Barcellos, 2011, p. 59) e toda a expectativa sobre o filho cai por terra, como se algo tivesse dado errado. “Choque, perdi o rumo. Não aceitava que tinha uma filha surda.” (A), “[...] não foi fácil, mas fizemos tudo o que podíamos e lutamos até hoje” (D).

Embora tenham anunciado esses sentimentos, uma mãe destaca que a “busca pelo conhecimento de um novo mundo” (B), de aprender a lidar com as necessidades do filho, o aprendizado de Libras foi uma escolha para construir uma comunicação e interação.

[...] um susto, frustração, com cabeça sensata e o coração mais calmo, inicia-se a busca pelo conhecimento de um novo mundo. (B)

Aceito como se não tivesse nenhuma deficiência. (E)

No início foi apavorante, a primeira atitude foi aprender libras para haver comunicação, depois dois dos cinco irmãos também aprenderam em casa tudo é falado em português e libras para que ela nunca fique fora do assunto. (F)

Foi muito difícil, mas com o tempo aprendi libras e hoje é mais fácil, meu filho é normal, apenas surdo. (G)

Estas reações vão perfeitamente ao encontro do que Barcellos (2011), em referência aos estudos de Fletcher, Luthermann e Ross (1991), trata como as fases enfrentadas pelas famílias após receberem o diagnóstico de surdez de seus filhos. De acordo com a autora:

A primeira fase é o *choque*, em que os pais são surpreendidos pelo impacto da surdez, sendo assim a família experimenta sentimentos contraditórios e confusos como a ansiedade, a raiva, a superproteção, a rejeição, a negação, a culpa, o preconceito, a vergonha e a depressão, isto porque ainda não sabem o que é a surdez, mas já sabem que o filho é surdo.

A segunda fase é a *reação ao diagnóstico* em que surgem diferentes mecanismos de defesa psíquica e os pais se sentem decepcionados, impotentes, revoltados, inseguros e culpados, pois acreditam que, de alguma forma, são responsáveis pela surdez do filho. Assim que a família recebe um número maior de informações a respeito da surdez e passam a encarar o filho real entram na fase da *adaptação* em que buscarão formas de lidar com a criança. Na próxima fase, denominada *orientação*, os pais começam a decidir sobre o futuro da criança e o tipo de atendimento que será ofertado a ela. (Barcellos, 2011, p.60-61, grifos da autora).

⁷ Utilizo as letras do alfabeto como referência aos sujeitos da pesquisa com fins de preservar suas identidades. Todos os entrevistados eram maiores de 18 anos e assinaram um termo de livre consentimento, autorizando o uso das informações na presente pesquisa.

Portanto, com o passar do tempo, estas famílias vão se apropriando da realidade da comunidade surda, conhecendo as possibilidades de progresso e desenvolvimento para a educação de seus filhos. Os familiares que contribuíram com esta pesquisa, quando questionados sobre a visão que têm atualmente da surdez e da língua de sinais, revelaram-se bastante confiantes e otimistas:

[...] atualmente vi a necessidade da ajuda de Libras, para a alfabetização, e vejo que evoluiu muito, e está ajudando na compreensão e também na fala. (D)

[...] agora convivo com o mundo deles compreendo muito os surdos, ainda me adaptando, aprendendo e sei que preciso aprender muito mais. (F)

[...] é importante, pois todos nós precisamos nos comunicar, e com os surdos não é diferente, quanto mais convivo com outros surdos mais aprendo e mais me apaixono. (H)

Embora, a princípio, tenham tido sentimentos negativos com relação à surdez de seus filhos, estão conseguindo compreender um pouco mais do mundo do silêncio e avançando na aceitação de seus filhos como diferentes. Demonstram intenção de melhorar a comunicação utilizando a língua de sinais.

Os familiares dos nove sujeitos pesquisados apontaram para a importância da utilização da Língua de Sinais. Com base nessas informações, identifiquei que lugar de prestígio e qual a importância que é atribuída à língua de sinais por este grupo. Embora nem todos estejam plenamente apropriados, não sejam fluentes, é evidente que estão buscando formas de aprendizagem para ter mais opções de comunicação com seus filhos.

Quando questionados sobre o uso da língua de sinais no auxílio às tarefas escolares, foram obtidas seis respostas positivas, embora, em um dos casos a língua de sinais é pouco utilizada, e em dois dos casos a língua de sinais não seja utilizada. “Sem libras, não conseguimos explicar nada, e a criança fica sem entender” (F), “Uso libras porque ele não entende as palavras”. (I).

Com base nesses anúncios, entendo que a Língua de Sinais, embora não seja utilizada por todas as pessoas que compõem a família, tem importância como meio de comunicação ou um meio para a alfabetização de fato.

No espaço pesquisado, as mães são as figuras mais presentes no cotidiano de seus filhos. Mesmo entre as famílias fluentes em Libras, os pais não foram citados e nem se disponibilizaram a responder o questionário. Foram as mães e alguns irmãos que procuram aprender a língua de sinais, revelando a mãe como uma figura de referência na educação da criança surda.

6.2 Mãe e Papel da mulher na Educação dos Filhos

De acordo com Barcellos (2011, p.67), “ter um filho surdo é uma experiência única, ímpar e singular para uma família, principalmente para a mãe. As mães, ao receberem o diagnóstico da surdez, enfrentam diversas reações, até que comecem a agir”. O papel de mãe há de se desdobrar para além do fato de ser apenas uma mãe comum de uma criança comum; o papel de uma mãe de um filho surdo fica estendido à fonte de comunicação, e a partir de então, muitas responsabilidades são imputadas a essa mãe.

As reações da mãe e as ações que esta irá tomar em relação à criança sofrem influência, inicialmente, das suas impressões, ideias e conhecimento a respeito da surdez e das questões que permeiam o desenvolvimento de uma criança surda, em particular as questões linguísticas. (Barcellos, 2011, p.69).

Ao analisar o material coletado, pude concluir que a pessoa com quem a criança melhor se comunica na maioria dos casos é a mãe, o que reafirma, a figura materna como uma presença importante na educação da criança surda de forma geral.

Os estudos de Barcellos (2011, p. 64) apontam para um esforço por parte das mães de crianças surdas em “aproximarem seus filhos da norma com o objetivo de considerá-los normais fazendo, desta forma, com que seus receios e preocupações sejam diminuídos”.

Reações aproximadas ao ponto de vista da pesquisadora podem ser identificadas em falas como:

Agora aceito ela como ela é. E agradeço a Deus por ter me dado este anjo lindo e iluminado. (A)

Aceito como se não tivesse nenhuma deficiência. (E)

Foi muito difícil, mas com o tempo aprendi Libras e hoje é mais fácil, meu filho é normal, apenas surdo. (G)

Barcellos (2011) destaca ainda a necessidade das mães de crianças surdas de enfatizarem referências à igualdade, falam de aspectos psicológicos ou da personalidade de seus filhos para revelá-los iguais as outras crianças. Os relatos apresentados pelas mães pesquisadas se aproximam de alguns estudos da área, onde ocorre a afirmação da mãe como figura de referência, no núcleo familiar, pela educação do surdo.

6.3 Letramento e Alfabetização no Contexto da Surdez

Ao refletir acerca do letramento de surdos Baldo e Iacono (2012, p.14) afirmam não se tratar de “alfabetização de surdo simplesmente, mas de outra forma, por meio da qual ele possa conhecer e se apropriar da escrita da Língua Portuguesa como sua segunda língua, para utilizá-la nas suas relações sociais. Acreditamos que essa forma seria o Letramento”.

É possível afirmar que o letramento e à alfabetização das crianças surdas ainda se trata de um grande desafio, tanto para os discentes quanto para os docentes, uma vez que, “o trabalho com surdos, em sala de aula, exige do professor a compreensão do processo de letramento de alunos surdos na perspectiva metodológica do bilinguismo” (Baldo & Iacono, 2012, p.3), já que no Brasil é esta a orientação acerca do modo de escolarização do aluno surdo. “Assim, crianças surdas devem aprender Libras como língua materna e, através dela, ter acesso à língua falada em seu país, só que na forma escrita” (Baldo & Iacono, 2012, p.7).

Isto acontece, pois diferentemente dos alunos ouvintes, que chegam à escola para alfabetização já fluente na sua língua materna, os alunos surdos chegam com seu processo de desenvolvimento linguístico em andamento, devido ao descobrimento – muitas vezes – tardio da surdez pelos pais e pelo contato também tardio com a língua de sinais. As exceções são aqueles, cujas famílias detectam precocemente a surdez e desde tenra idade os estimulam linguística e cognitivamente.

Baldo e Iacono (2012) refletem que diversas investidas na intenção de alfabetizar crianças surdas não tiveram sucesso devido ao fato de que o método utilizado era o mesmo que o usado com ouvintes, que priorizava o som do grafema, por meio do qual se recorria a uma estrutura que o surdo não tem ou que não tem neles um funcionamento pleno: o canal auditivo.

Quadros (2006, p.46) destaca que “[...] as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais: são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da utilização do espaço”. Estas línguas não surgiram das línguas orais, mas foram forjadas pela necessidade de comunicação de seus usuários.

Em decorrência desses equívocos, “muitos surdos que frequentaram a escola por vários anos, não produzem escrita compatível com a série, além de defasagem escolar” (Baldo & Iacono, 2012, p.8). Como afirma Soares (2000, p.1), “Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”. Esta reflexão funciona igualmente com relação ao *déficit* educacional das crianças surdas.

A realidade encontrada no ambiente pesquisado não é diferente do que tem mostrado a teoria apresentada neste trabalho. A fala da mãe D exemplifica claramente a necessidade e a urgência sobre o aprendizado da língua de sinais. “[...]”

atualmente vi a necessidade da ajuda de Libras, para a alfabetização, e vejo que evoluiu muito, e está ajudando na compreensão e também na fala” (D).

Esta mãe traz a palavra evolução, ela percebe que seu filho teve um desenvolvimento cognitivo a partir do contato com outras crianças surdas e da língua de sinais. O fato dele estar inserido neste contexto está sendo fundamental para que seu conhecimento seja expandido.

Como muitos surdos nascem em famílias de ouvintes, desconhecedores da LIBRAS, cabe à escola ter pessoas surdas para receber a criança e iniciá-la no mundo dos sinais. O uso da LIBRAS não é garantia de acesso à 2ª língua, o português escrito, mas é pré-requisito para tal, pois os conteúdos devem ser trabalhados em LIBRAS. (Baldo & Iacono, 2012, p.9).

Nesta mesma perspectiva, as autoras acrescentam ainda que:

O que vivenciamos com Libras é que as crianças, ao aprenderem os sinais questionam, participam, enfim, interagem, tiram dúvidas, não só com o professor, mas com os pais e com outros surdos que eles conhecem. Isso é fundamental para seu desenvolvimento e conhecimento de mundo. (Baldo & Iacono, 2012, p.12).

A família precisa estar disposta a descobrir esta nova forma de comunicação para que a criança atinja níveis de compreensão de si, dos outros e do mundo. Na declaração feita pela mãe F, percebe-se a importância da contínua busca pelo conhecimento, “[...] agora convivo com o mundo deles compreendo muito os surdos, ainda me adaptando, aprendendo e sei que preciso aprender muito mais” (F).

Perceber a importância da comunicação para o desenvolvimento do ser humano é fundamental. De acordo com Vale, Costa e Vale (2021) a escola precisa reconhecer as diferenças e organizar o trabalho a partir desta premissa.

Reconhecer as diferenças no âmbito educacional, é buscar garantir a equidade de acesso à educação, e isso abraça a diferença linguística, e consequentemente um currículo voltado para sua modalidade. Se tratando de aluno surdo, a modalidade linguística é visual-espacial, e portanto, o currículo deve ser construído pela perspectiva visual. (Vale et al. 2021, p.6)

Saber que o filho necessita de uma comunicação diferente faz com que mães busquem mais conhecimento sobre essa forma de expressão, possibilitando ao surdo uma interação com o meio e o pleno desenvolvimento das suas habilidades. No ambiente pesquisado encontramos essa consciência no relato da mãe H, que acerca do conhecimento da Libras, destaca “[...] todos nós precisamos nos comunicar, e com os surdos não é diferente, quanto mais convivo com outros surdos mais aprendo e mais me apaixono” (H).

Para Quadros (2007), é possível entender e aprender a palavra escrita por meio desta comunicação:

A voz dos surdos são as mãos e o corpo que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita. (Quadros, 2007, p.119).

Portanto, para dar continuidade ao desenvolvimento da criança surda, que se inicia antes do contato com a escola, é imprescindível o aprendizado da Libras, visto que essa, diferentemente da criança ouvinte, ao menos que seja filha de pais surdos, encontrará estímulos reduzidos em seu cotidiano. A criança surda necessita do contato com usuários da língua de sinais para ter plenas condições de progredir, de ampliar suas potencialidades.

7. Considerações Finais

Com essa pesquisa foi possível identificar que o aprendizado e desenvolvimento dos alunos surdos está ligado ao uso da língua de sinais. Embora nem todos os envolvidos no processo tenham conhecimento da língua de sinais, todos apontam para a importância de sua utilização.

Observo a preocupação dos pais com o desenvolvimento cognitivo de seus filhos e a necessidade de procurar mais conhecimentos na área. Além disso, foi possível constatar que as mães exercem o papel central na educação das crianças surdas.

Corroboro com Cardoso, Albuquerque, Maia e Figueiredo (2022, p.8) ao destacarem que “[...] o anseio por políticas que visem a participação de todos no processo de construção da cidadania, deve ser uma busca coletiva, não apenas da comunidade surda.” A luta por uma educação inclusiva precisa estar pautada por todos os brasileiros, pois democracia para cidadania se constitui na pauta da equidade.

Por fim, acredito que o presente artigo contribui para as reflexões acerca da educação de surdos sob outro viés, estabelecendo a família como uma parceria necessária para a educação do aluno surdo, superar a relação professor/estudante e buscar compreender o êxito do aluno surdo para além da escola foi o desafio estabelecido para essa reflexão.

Referências

- Baldo, C. F. & Iacono, J. P. (2012). *Letramento para alunos surdos através de textos sociais*. Dia a Dia Educação, Paraná. <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/cirleibaldo.pdf>.
- Barcellos, C. M. (2011). *Língua e linguagem no diálogo mãe ouvinte – filho surdo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria <http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/26/TDE-2012-05-16T121742Z-3534/Publico/BARCELLOS,%20CARINE%20MARTINS.pdf>.
- Brasil (2002). *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/821803.pdf>>.
- Brasil (2005). *Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/821803.pdf>>.
- Capovilla, F. A. (2001). A evolução das abordagens à educação da criança Surda: do Oralismo à Comunicação Total e desta ao Bilinguismo. In: Capovilla, Fernando, Raphael, W. (Orgs.). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngua da Língua de Sinais Brasileira*. Volume II: Sinais de M a Z. São Paulo: EDUSP.
- Cardoso, C, Albuquerque, K. A, Maia, M. L., & Figueiredo, L. (2022). Educação como Direito: a construção do lugar da pessoa surda na educação brasileira. *Research, Society and Development*, 11(6), 1-11.
- Claudio, J. P., Xavier N. & Celina N. (2017). O mundo surdo infantil. *Portal de Acessibilidade do RS*, FADERS. <<http://www.portaldeaccessibilidade.rs.gov.br/uploads/1250532167OxMundoxSurdoxInfantil.pdf>>.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. da C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Brasília, 17(36), 21-32. <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>
- Escola Alfredo Dub. (2017). *Histórico*. <<http://www.alfredodub.com.br/Home>>.
- Goldfeld, M. (2002). *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista*. (2a ed.), Plexus.
- Lehmkuhl, M. S, Oliveira, T, Miranda, Z. R. F. (2022). As Políticas Educacionais na Perspectiva de Inclusão Escolar no Brasil. *Research, Society and Development*, 11(8), 1- 8.
- Minayo, M. C. de S. (2013). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (33a ed.), Vozes.
- Moura, M. C, Lodi, A. C. B. & Harrison, K. M. R. (2017). *História e Educação: o Surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais*. <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfjk8AD/historia-educacao-surdo-a-oralidade-uso-sinais>>.
- Nader, J. M. V. & Novaes-Pinto, R. C. (2011). Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. *Estudos Linguísticos*, 40(2), 929-943.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades, *Caderno de pesquisas em administração*.
- Nogueira, M. (1998). Reflexões sobre um projeto-piloto de educação com bilinguismo na pré-escola de surdos. *Revista Espaço: informativo técnico*

científico do INES, 9(93), 8-23.

Quadros, R. M. (2006). *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

Quadros, R. M. & Karnopp, L. B. (2007). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Artmed.

Soares, M. (2000). "Letrar é mais que alfabetizar": entrevista com Magda Becker Soares. *Jornal do Brasil*. <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizarletrar/lectoescrita/artigos/letrar%20%C3%A9%20mai%20que%20alfabetizar.pdf>>.

Robel, K. (2009). *História da Educação de Surdos*. Material didático UFSC. http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf.

Vale, J. da S., Costa, L. G., & Vale, D. R. de S. (2021). Currículo Surdo: a luta contra a hegemonia ouvinte inclusiva. *Research, Society and Development*, 10(11), 1-12.